

QUEM SE IMPORTA COM AS TRABALHADORAS DO CUIDADO

EXPERIÊNCIAS DE EXPLORAÇÃO DURANTE E APÓS A PANDEMIA NO BRASIL, NA COLÔMBIA, NA FRANÇA, NO REINO UNIDO E NOS EUA

Como citar: Acciari, L. & Boufkhed, S. (2024). *Quem se importa com as trabalhadoras do cuidado? Experiências de exploração durante e após a pandemia no Brasil, na Colômbia, na França, no Reino Unido e nos EUA*. London: UCL.

Este documento apresenta os resultados preliminares de **21 grupos de discussão realizados com 179 trabalhadoras do cuidado no Brasil, na Colômbia, na França, no Reino Unido e nos EUA**, como parte do projeto internacional “Quem cuida, e quem se importa? Reconstruindo os cuidados no mundo pós-pandemia” (Who Cares? Rebuilding Care in the Post-Pandemic World). Destacamos aqui alguns dos principais temas apresentados pelas trabalhadoras para dar visibilidade às suas vozes e experiências nos debates públicos.

Por que fazer este estudo?

Pode parecer que muito já foi dito sobre a pandemia, no entanto, existe um grupo de trabalhadoras que tem sido constantemente negligenciado: as trabalhadoras do cuidado de baixa renda, com as condições de trabalho mais precárias, que trabalham dentro das casas de outras pessoas e/ou em instituições de longa permanência para pessoas idosas ou dependentes. São as trabalhadoras que cuidam do nossos idosos, pessoas com deficiência, crianças e casas. Na maioria das vezes, são mulheres, racializadas e/ou migrantes, com remuneração abaixo do salário mínimo, trabalhando de maneira informal ou em contratos precários. Embora muitos estudos destaquem, por exemplo, a perda de emprego para as trabalhadoras domésticas durante a pandemia, poucos tiveram como foco as condições de trabalho daquelas que permaneceram empregadas (ver [Acciari, Brito & Pinto, 2024](#)).

Embora a crise causada pela pandemia possa ter aprofundado alguns aspectos da exploração, as causas subjacentes já estavam presentes antes da crise e, provavelmente, permanecem ainda hoje. Outras crises podem acontecer e por isso precisamos entender melhor como as trabalhadoras foram afetadas, para evitar que o desastre social e humano da pandemia de Covid-19 se repita.

Com quem conversamos?

Usando a [definição de trabalho de cuidado da OIT](#), as trabalhadoras com quem falamos **prestam serviços pessoais remunerados**, de forma direta ou indireta, a famílias e pessoas em situação de dependência relativa. Isso inclui tarefas como **limpar, cozinhar, dar banho ou alimentar** uma pessoa.

- Trabalho em domicílios: abrange todas as funções do trabalho doméstico, como babá, cuidadora de pessoa ou faxineira.
- Trabalho em instituições de longa permanência, como ou asilo para pessoas idosas: as trabalhadoras com funções de cuidado direto com pessoas mas que não são enfermeiras ou médicos.

Em 2023, com a ajuda de nossos parceiros em cada país, organizamos **21 grupos de discussão com 179 trabalhadoras domésticas e cuidadoras**.



Ecoando suas vozes

Em 2024, organizamos sessões de feedback com participantes no Brasil, na Colômbia e no Reino Unido para discutir esses resultados preliminares e abordar seus comentários e perguntas sobre o estudo. Todas enfatizaram a importância de serem ouvidas e compartilhar suas experiências e histórias de trabalho na pandemia.

O que as trabalhadoras disseram?

TRABALHO
DECENTE

TRABALHO
FORÇADO

Para orientar as discussões dos grupos focais e analisar nossos dados, usamos o quadro conceitual da exploração desenvolvida por [Boufkhed et. al. \(2022\)](#). Este define a exploração laboral como um continuum que varia de violações do trabalho decente ao trabalho forçado. Existem 5 dimensões principais onde a exploração da trabalhadora pode ocorrer ao longo do continuum com nuances e variações representando as experiências dos indivíduos, indo de violações dos direitos sociais até ameaças à sua segurança. Essas dimensões podem impactar de várias maneiras como as trabalhadoras percebem sua saúde, o que constitui um ponto final de análise. Este quadro teórico nós fornece informações valiosas sobre suas condições de trabalho durante e após a pandemia.



Proteção social e legal

Esta dimensão se refere à proteção laboral e as condições de emprego existentes e visa avaliar o quanto os direitos são respeitados ou violados. Inclui aspectos relacionados a contratos e cargas de trabalho, benefícios sociais e aplicação de direitos.

Em geral, as participantes sentiram que, com a pandemia, **sua carga de trabalho aumentou, mas seus salários não**, e que essa situação permanece a mesma até agora. A maioria das trabalhadoras domésticas no Brasil e na Colômbia achou mais difícil conseguir um emprego após a pandemia. Em todos os países, muitos participantes comentaram sobre suas dificuldades devido à **crise do custo de vida**. Os principais obstáculos para o acesso a direitos incluíram: tipo de contrato, nível de trabalho informal (Brasil e Colômbia) e status de imigração (EUA e Reino Unido). No Brasil e na Colômbia, também observamos uma polarização entre os trabalhadoras domésticas que perderam seus empregos e veem o desemprego como o maior problema, e aquelas que permaneceram empregadas e viram como principal problema o aumento da exploração no trabalho.



"Se você não se defende e define pelo menos a jornada de trabalho, mesmo que seja diarista, acaba sendo explorada, porque o patrão quer que você faça três dias de trabalho em um".

- Trabalhadora doméstica brasileira

Saúde e segurança no trabalho

Esta dimensão aborda os riscos de saúde, segurança e psicossociais no local de trabalho, por exemplo, acesso a treinamento, equipamentos de proteção ou exposição a riscos.

As participantes que trabalhavam em instituições pareciam estar mais protegidas do que aquelas que trabalhavam dentro das casas de família. Em geral, elas receberam treinamento para realizar suas tarefas e, quando disponíveis, os equipamentos de proteção individual (EPI) eram obrigatórios na maioria das instituições durante a pandemia de Covid-19. O grupo de discussão na França foi uma exceção que chamou atenção, pois as cuidadoras em instituição relataram ter sido **proibidas de usar máscaras** durante o primeiro mês da pandemia para evitar assustar os pacientes. Por outro lado, a maioria das trabalhadoras domésticas **não recebeu treinamento ou EPI, e não havia regras claras ou diretrizes sanitárias para o trabalho dentro de casas particulares**. Em vez disso, precisaram se desdobrar para seguir as regras dos empregadores que variavam entre as casas. Na França e no Reino Unido, as cuidadoras em instituição também se queixaram de técnicas gerenciais e vigilância excessiva, e sentiram que suas vidas importavam menos do que as de seus pacientes ou empregadores.

"A COVID é o primeiro vírus, os chefes são o segundo".

- Cuidador no Reino Unido

Finanças e migração

Essa dimensão aborda aspectos relacionados a questões financeiras, como dedução salarial e questões relacionadas ao status de imigração. Inclui alguns indicadores da escravidão moderna, como trabalhadores que são enganados sobre as condições de trabalho antes de conseguir o emprego ou a retenção de documentos pessoais.

Em todos os países, quase todas as participantes compartilharam preocupações relacionadas ao salário ou pagamento, mesmo que não fossem migrantes internacionais. Muitas relataram **deduções salariais irregulares, retenção de pagamento durante o confinamento, desvios de tarefas constantes e trabalho adicional não remunerado, ou a necessidade de contrair dívidas para sobreviver.**

O status de imigração foi um fator-chave que determinou o acesso das trabalhadoras a direitos e proteção social. Nos EUA e no Reino Unido, que têm um "ambiente hostil" para os imigrantes, as restrições aos direitos de imigração criaram barreiras para as trabalhadoras se defenderem contra os abusos dos empregadores ou terem acesso ao sistema de saúde. Isso foi verdade principalmente nos EUA, onde várias trabalhadoras tinham uma situação irregular, e para as trabalhadoras domésticas no Reino Unido, cujos vistos são precários e por tempo limitado. Várias **participantes relataram, por exemplo, não ter ido ao hospital ou não ter acesso ao sistema de saúde.**



"Só porque eu sou imigrante, mulher ou não sou uma pessoa de poder, ou por causa do meu idioma, não tenho certeza do motivo, mas não quero imaginar outro trabalhador sofrendo a mesma coisa que eu".

- Trabalhadora doméstica nos EUA

Segurança pessoal

Essa dimensão aborda a forma como as trabalhadoras são tratadas e inclui elementos de ameaças, intimidação e coerção, muitos desses sendo indicadores da escravidão moderna.

Elementos de coerção e maus-tratos estavam muito presentes nos 5 países, independentemente da situação contratual ou do local de trabalho. As participantes compartilharam inúmeras histórias de insultos, agressões físicas e sexuais por parte de empregadores e/ou pacientes, e aquelas com funções de cuidado direto expressaram ter se sentido forçadas a continuar trabalhando, apesar dos riscos, durante o período da pandemia de COVID-19, por terem um vínculo emocional com os seus pacientes. **Algumas trabalhadoras domésticas no Brasil, na Colômbia e no Reino Unido foram forçadas a passar o confinamento na casa dos seus empregadores e impedidas de voltar para suas próprias casas.**



"Em algum momento, o governo declarou o lockdown, e meu empregador não nos permitiu sair, mesmo para ir ao parque".

- Trabalhadora doméstica no Reino Unido

Desumanização

Essa dimensão não estava presente no quadro teórico inicial, mas foi adicionada como resultado dos grupos de discussão, e corresponde a um importante conceito descrito em [Boufkhed et al \(2024\)](#). Seu objetivo é capturar a percepção de dignidade e respeito no trabalho.

Mais especificamente, revela as expectativas que as trabalhadoras têm sobre como deveria ser seu trabalho e como se sentem tratadas, além dos aspectos legais. A literatura internacional mostra muito bem que as relações de gênero, raça e colonialidade moldam o trabalho doméstico e participam da desvalorização histórica do trabalho reprodutivo ([Blofield, 2009](#); [Cox, 2006](#); [Ehrenreich & Hochschild, 2003](#)). Em todos os nossos grupos de discussão, **as participantes entendiam seu trabalho como sendo extremamente importante**, já que muitas estavam na linha de frente durante a pandemia e consideraram que seu trabalho atende às necessidades de cuidados da sociedade. No entanto, elas contrastaram isso com a falta de respeito e dignidade dos empregadores, e muitas se sentiram traídas por eles.

Havia uma percepção generalizada de que os empregadores e a sociedade como um todo não se importam com as cuidadoras. Em todos os grupos, as participantes compartilharam histórias de humilhação, como insultos sobre sua aparência física no Brasil e na Colômbia, ou estarem sujeitas a tratamentos e regras diferentes daqueles aplicáveis aos pacientes e empregadores durante a pandemia de COVID-19, como se as trabalhadoras fossem as únicas portadoras do vírus.



"Os empregadores são como donos de escravos".

- Trabalhadora doméstica na Colômbia

Percepção da saúde

Por fim, perguntamos às trabalhadoras sobre como sua saúde (física e mental) em geral e durante a pandemia.

A saúde mental esteve muito presente em todos os grupos de discussão, e a maioria das participantes se referiu explicitamente a questões como **depressão, ansiedade, pânico, medo e sensação de isolamento**. Muitas se sentiam divididas entre o medo de adoecer ou mesmo morrer e a obrigação de continuar trabalhando para sustentar suas famílias e cuidar de outras pessoas. Para aquelas que trabalhavam em instituições, a morte esteve onipresente e elas perderam um número excepcionalmente alto de pacientes. A saúde física também foi uma preocupação para muitas, e problemas de saúde ocupacional muito semelhantes foram observados em todos os grupos, como dores musculares, nas costas e nas articulações e queimaduras causadas por produtos químicos no caso das trabalhadoras domésticas. Várias trabalhadoras mencionaram novas alergias que adquiriram desde a pandemia de COVID-19.



"Estávamos caminhando para a morte todos os dias".

- Cuidadora em instituição na França

E agora?

Essa primeira análise das experiências das trabalhadoras do cuidado durante e após a pandemia confirma alguns elementos já discutidos na literatura ([Acciari, 2019](#); [Boris & Klein, 2012](#); [Chaney & Castro, 1989](#); [Hirata, 2021](#); [Nadasen, 2023](#); [Posso, 2008](#); [Sedacca, 2022](#)), como:

- a desvalorização histórica do trabalho reprodutivo,
- a interseccionalidade da opressão que essas trabalhadoras enfrentam,
- sua posição de vulnerabilidade e exclusão no mercado de trabalho.

Nosso estudo contribui para esses debates e oferece um quadro conceitual para analisar de forma mais sistemática as dimensões da exploração do trabalho nesse setor.

Além disso, nossos grupos de discussão colocam em foco as experiências de uma população que estava na linha de frente da Covid-19 em um dos setores mais atingidos, mas que permaneceu relativamente pouco estudado e ouvido.

Nos 5 países, as participantes relataram:

- aumento da carga de trabalho sem uma remuneração salarial equivalente,
- mais dificuldades para encontrar emprego ou sobreviver no período pós-pandemia,
- problemas de saúde persistentes relacionados ao trabalho,
- formas cotidianas de violência, racismo e coerção.

Com os resultados dos grupos de discussão, estamos elaborando uma pesquisa internacional para medir sistematicamente essas questões e quantificar de maneira comparável as diferentes dimensões da exploração enfrentada pelas trabalhadoras do cuidado nos 5 países.

Se você é uma trabalhadora do cuidado ou atua junto ao setor, seja em âmbito domiciliar ou em instituição, e deseja participar da pesquisa, entre em contato! Queremos garantir que as vozes das trabalhadoras sejam ouvidas e esperamos que dados robustos possam apoiar estratégias fortes para defender e melhorar suas condições de vida.

Como entrar em contato:

Louisa: Lacciari@ucl.ac.uk (espanhol e português)

Sabah: sabah.boufkhed@manchester.ac.uk (francês e inglês)



QUEM SE IMPORTA COM AS CUIDADORAS?

EXPERIÊNCIAS DE
EXPLORAÇÃO DURANTE E
APÓS A PANDEMIA
NO BRASIL, NA COLÔMBIA, NA
FRANÇA, NO REINO UNIDO E
NOS EUA